



EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

8

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
(ORGANIZADOR)


Ano 2020



EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

8

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
(ORGANIZADOR)

 **Atena**
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof^a Dr^a Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Prof^a Dr^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof^a Dr^a Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^a Dr^a Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Prof^a Dr^a Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^a Dr^a Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Prof^a Dr^a Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^a Dr^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof^a Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação: atualidade e capacidade de transformação do conhecimento gerado

8

Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação [recurso eletrônico] : atualidade e capacidade de transformação do conhecimento gerado 8 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-286-9

DOI 10.22533/at.ed.869201208

1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Planejamento educacional.
I. Silva, Américo Junior Nunes da.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br


Ano 2020

APRESENTAÇÃO

Diante do atual cenário educacional brasileiro, resultado de constantes ataques deferidos ao longo da história, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, valorizando formas particulares de fazer ciência. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas educacionais postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores pesquisadores brasileiros.

A área de Humanas e, sobretudo, a Educação, vem sofrendo destrato constante nos últimos anos, principalmente no que tange ao valorizar a sua produção científica. Precisamos criar diferentes espaços de resistência a todos os retrocessos que nos estão sendo impostos. O oitavo volume deste livro, intitulado “**Educação: Atualidade e Capacidade de Transformação do Conhecimento Gerado**”, da forma como se organiza, é um desses lugares: permite-se ouvir, de diferentes formas, aqueles e aquelas que pensam e inter cruzam as diferentes problemáticas educacionais.

Este livro, portanto, reúne trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas problemáticas que permeiam o contexto educacional brasileiro. Os capítulos que compõe essa obra abordam, de forma interdisciplinar, a partir da realização de pesquisas, relatos de casos e revisões, problemas e situações comuns a Educação.

Por fim, ao levar em consideração todos os elementos que apresentamos anteriormente, esta obra, a partir das discussões que emergem de suas páginas, constitui-se enquanto importante leitura para aqueles que fazem Educação no país ou aqueles que se interessam pelas temáticas aqui discutidas. Nesse sentido, desejo uma boa leitura a todos e a todas.

Américo Junior Nunes da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
BRINQUEDO DE MIRITI COMO RECURSO DIDÁTICO DE APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO ENSINO FUNDAMENTAL NA ILHA PARAMAJÓ	
Jonata da Trindade Ferreira Maria do Socorro Fonseca Rodrigues José Francisco da Silva Costa Manoel Carlos Guimarães da Silva Ana Paula Trindade de Freitas Benezade Barreto da Trindade Maria da Trindade Rodrigues de Sarges Jhonys Benek Rodrigues de Sarges João Batista Santos de Sarges Maria Flaviana Couto da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8692012081	
CAPÍTULO 2	17
RELATO DE EXPERIÊNCIA: ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL LEILA DE FÁTIMA ALVAREZ CASSAB - PEIXINHO SONHADOR: OLHAR DA GESTÃO ESCOLAR	
Solange Santos Ferreira dos Reis Maria Elena Mangiolardo Mariño Silvia Ferreira Mendes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8692012082	
CAPÍTULO 3	24
TEXTO LITERÁRIO: TECENDO FIOS INTERDISCIPLINARES	
Verônica Maria de Araújo Pontes André de Araújo Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.8692012083	
CAPÍTULO 4	36
VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS PRESENTES NO FILME TAPETE VERMELHO	
Rannya Maygia de Melo Duarte Francisca Verônica Pereira Moreira Jonatas Queiroga Guimarães Silvânia Lúcia de Araújo Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8692012084	
CAPÍTULO 5	45
A AVENTURA DE APRENDER A LER E ESCREVER EM <i>UMA PROFESSORA MUITO MALUQUINHA</i>	
Josenildo Oliveira de Morais	
DOI 10.22533/at.ed.8692012085	
CAPÍTULO 6	57
RESPONSIVIDADE E MULTILETRAMENTOS NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Jannayna Maria Nobre Sombra Risleide Rosa Freire de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.8692012086	

CAPÍTULO 7	69
TRIBOS URBANAS: UMA OFICINA INTERDISCIPLINAR NO CENTRO JUVENIL DE CIÊNCIA E CULTURA BARREIRAS BAHIA	
Eliane da Silva Nunes Laisa Macedo Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.8692012087	
CAPÍTULO 8	78
A REELABORAÇÃO SOCIOCULTURAL NA GEOGRAFIA ESCOLAR: O CASO DA ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA ATIKUM	
Édila Bianca Monfardini Borges Valney Dias Rigonato	
DOI 10.22533/at.ed.8692012088	
CAPÍTULO 9	94
A ESCOLA SÃO JOÃO DO TAUAPE	
Juscelino Chaves Sales	
DOI 10.22533/at.ed.8692012089	
CAPÍTULO 10	98
(IN) DISCIPLINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÕES EM ANÁLISE	
Evanileide Patrícia Lima Figueira Elianeth Dias Kanthack Hernandes	
DOI 10.22533/at.ed.86920120810	
CAPÍTULO 11	106
A SENSIBILIDADE DO OLHAR DA CRIANÇA	
Miramar Oliveira da Silva Araújo Leila Mara da Silva Viana	
DOI 10.22533/at.ed.86920120811	
CAPÍTULO 12	116
ENSINO DE CARTOGRAFIA E A BNCC EM SALA DE AULA	
Ricardo Acácio de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.86920120812	
CAPÍTULO 13	122
AUTORIA NA ESCOLA: A VOZ DO GRÊMIO NA WEB RÁDIO ESCOLAR	
Arisnaldo Adriano da Cunha Fabrícia Cristiane Guckert Cláudio de Musacchio	
DOI 10.22533/at.ed.86920120813	
CAPÍTULO 14	133
DESENHO INFANTIL: UNIVERSO IMAGINÁRIO DAS CRIANÇAS DE 5 ANOS	
Maria Auxiliadora Alves Arrais Barbosa Angélica Aparecida da Silva Marta de Oliveira Carvalho Fábio Santos da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.86920120814	

CAPÍTULO 15	139
A UTILIZAÇÃO DE PROPOSTAS SENSORIAIS E DE MOVIMENTO NAS AULAS DE MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Juliana Boff Aramayo Cruz Camile Tatiane de Oliveira Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.86920120815	
CAPÍTULO 16	148
AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM UMA VIVÊNCIA ESCOLAR NA PROVÍNCIA DE YUNNAN, CHINA	
Ismete Ahmeti Germana Ponce de Leon Ramirez	
DOI 10.22533/at.ed.86920120816	
CAPÍTULO 17	162
EDUCAÇÃO INFANTIL: PARTICIPAÇÃO DA CRIANÇA NO COTIDIANO COM EQUIDADE	
Denise Bueno da Silva Mareli Eliane Graupe	
DOI 10.22533/at.ed.86920120817	
CAPÍTULO 18	167
AMIZADE NA ESCOLA: UM ESTUDO COM CRIANÇAS DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Izabela Dellangelica Carvalho de Oliveira Jussara Cristina Barboza Tortella	
DOI 10.22533/at.ed.86920120818	
CAPÍTULO 19	180
O COLORIR COMO OBJETO DE ENSINO, UMA BREVE SEQUÊNCIA DIDÁTICA	
Ana Julia Zainun Laura Cunha Hanitzsch Ana Paula Pacheco Moraes Maturana	
DOI 10.22533/at.ed.86920120819	
CAPÍTULO 20	188
INVESTIGAÇÕES EM EDUCAÇÃO MUSICAL E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Cristina Rolim Wolffenbüttel Sita Mara Lopes Sant'Anna	
DOI 10.22533/at.ed.86920120820	
CAPÍTULO 21	197
REFORMULAÇÕES DOS PROJETOS POLÍTICO-PEDAGÓGICOS DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES MUNICIPAIS	
Francieli Axman Tavares Duarte Antonio Carlos de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.86920120821	
SOBRE O ORGANIZADOR	205
ÍNDICE REMISSIVO	206

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS PRESENTES NO FILME TAPETE VERMELHO

Data de aceite: 03/08/2020

Data de Submissão: 17/05/2020

Rannya Maygia de Melo Duarte

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte,
Departamento de Educação
Patu-RN

<http://lattes.cnpq.br/1712048719076232>

Francisca Verônica Pereira Moreira

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte,
Departamento de Educação
Patu-RN

<http://lattes.cnpq.br/3566612968082794>

Jonatas Queiroga Guimarães

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte,
Departamento de Letras
Patu-RN

<http://lattes.cnpq.br/0032023662220547>

Silvânia Lúcia de Araújo Silva

Universidade Federal da Paraíba,
Departamento de Educação
Bananeiras, PB

<http://lattes.cnpq.br/1070339122367156>

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma breve análise das variações linguísticas encontradas no filme “Tapete Vermelho”. Esse é um filme brasileiro

de gênero comédia, produzido no ano de 2006 com roteiro autoral de Rosa Nepomuceno e direção de geral de Luiz Alberto Pereira. Para o desenvolvimento de sua análise, utilizamos os estudos de Bagno (2007), Martins (2014), dentre outros autores, que apoiam nossa discussão e nos conduzem aos aspectos metodológicos do estudo. Além disso, realizamos o exame do curta-metragem no que diz respeito aos aspectos linguísticos e de variantes presentes nas falas dos personagens. Como resultado, percebemos que o enredo do filme faz uma reflexão sobre o que é aceito ou não pela sociedade, sob o respaldo da linguagem culta e popular, traduzindo, através da análise linguística desenvolvida, as dificuldades enfrentadas no cotidiano pelos diferentes grupos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Tapete vermelho. Variação linguística.

LANGUAGE VARIATIONS REPRESENTED IN THE MOVIE “TAPETE VERMELHO”

ABSTRACT: The main objective of this paper is to present a brief analysis of the linguistic variations found in the movie Tapete Vermelho, a Brazilian comedy film produced in 2006, written by Rosa Nepomuceno and directed by

Luiz Alberto Pereira. To develop this analysis, we used the studies of Bagno (2007), Martins (2014) and other authors who endorse this discussion and conduct us through the methodology aspects of this study. Furthermore, we conducted the review of the short film concerning the language factors and the variants featured in the characters' lines. As a result, we noticed that the movie plot promotes a reflection about what is and what is not accepted by the society, supported by the formal and simple language, translating, through the linguistic analysis, the difficulties faced by different social groups everyday.

KEYWORDS: Language Variations. Tapete Vermelho.

INTRODUÇÃO

A fala faz parte ou mesmo caracteriza o sujeito social, pois, ele pode utilizar para compreender e ser compreendido, nas variadas formas de comunicação. A linguagem, ou melhor, a fala sofre inúmeras mudanças de acordo com o meio em que o indivíduo utiliza. Assim sendo, torna-se heterogênea e, por conseguinte, a essas mudanças por ela sofridas, denominamos de “variações”.

Dentre os fatores a que essas variações se relacionam destacam-se os níveis da fala, que são basicamente dois: o nível de formalidade e o de informalidade. Sob esse aspecto, o padrão formal de modo geral, está diretamente ligado à linguagem escrita, restringindo-se apenas às normas gramaticais, assim, essa é a razão pela qual nunca escrevemos do mesmo modo que falamos. Já o nível informal representa o estilo considerado “de menor prestígio”, conceito esse que tem gerado controvérsias entre os estudos da língua, pois para a sociedade, a pessoa que fala ou escreve de maneira fora dos padrões é considerada “inculta”. Dessa forma, os estudiosos, como Bagno (2007) consideram que nada na língua é por acaso e, portanto, tudo que se fala é correto ou pode ser considerado.

O nosso estudo será baseado nas concepções sociolinguísticas e linguísticas da fala por teóricos dessas áreas, servindo de cunho investigativo para a sociolinguística, mais precisamente nos estudos de Bagno (2007), Martins (2014), dentre outros, mostrando que todas essas variações são previsíveis, pois, as mesmas são definidas com base em parâmetros estabelecidos pela estrutura da própria língua. De fato, com o decorrer do tempo tudo muda e a língua é uma dessas concepções de mudanças, pois não se encontra estagnada/parada, ela tem de seguir o percurso que a própria sociedade percorre. Vale salientar que é também nessa perspectiva, que a mudança linguística se mostra, não como fruto de um mero acaso, mas, como um desdobramento regular e previsível de uma potencialidade da própria língua.

Dessa maneira, objetiva-se analisar as variações da língua/linguagem presente no filme ‘tapete vermelho’ que em vários momentos expõe uma múltipla diversidade de traços linguísticos. Constituindo-se assim, como um riquíssimo objeto para o estudo sociolinguístico a ser realizado, pois o mesmo apresenta variações que mudam de acordo

com o local em que os personagens passam, e exibem também o preconceito sofrido pelos protagonistas com relação não só ao seu modo de falar, que é típica da região de onde os mesmos são pertencentes, mas da sua origem humilde de moradores do campo.

ALGUNS CONCEITOS SOBRE O SURGIMENTO DAS VARIAÇÕES OU MUDANÇAS DA LÍNGUA

A linguagem é a característica que difere os seres humanos dos demais seres, o que permite a nós (seres humanos) a capacidade de expressar sentimentos, conhecimentos e opiniões, e acima de tudo, é o instrumento que promove a nossa inserção ao convívio em sociedade.

Segundo Martins (2014), como o português no Brasil é uma língua transplantada ou emprestada, esta tende a ser mais conservadora que os próprios “donos” dessa língua, ou seja, que os portugueses e, comparada com o idioma de Portugal, as variedades brasileiras são faladas relativamente em ritmo mais lento, o que os estudiosos consideram como traços arcaicos do português. Assim, esses estudiosos ao dialogarem sobre as mudanças/variações ocorridas no português em toda a Europa, constataram que no nosso país essas variações generalizadas não chegaram e se chegaram, não teve grande relevância, pois, as variantes presentes no português brasileiro eram repercutidas através dos colonizadores e como no Brasil os colonos advinham de diferentes regiões, culturas e nacionalidades, os repertórios linguísticos e as mudanças dos mesmos seguiam cursos de distintos estágios.

Essas variações como já ditas anteriormente, ocorrem pelo fato de que a fala utilizada por uma determinada sociedade muda de acordo com o meio e o tempo em que ela se encontra. Dessa forma, a língua utilizada por moradores de uma comunidade em uma zona rural é totalmente diferente de moradores da zona urbana não pelo fato de os moradores camponeses serem desprovidos de educação do que os da cidade, mas por uma questão de cultura, de história e outras diversas questões.

Sob esse ponto de vista, é bom lembrar que o português brasileiro, no que tange a sua formação, não é constituído apenas do idioma de Portugal, mas que devemos considerar que na época do Brasil colônia o português não era majoritário, e coexistia com outras diversas línguas introduzidas em nosso repertório através dos escravos trazidos da África, e também dos indígenas, povos nativos das novas terras, assim, o idioma português era a língua da realeza e que foi imposta aos demais moradores, e a partir daí surge às variações em nossa língua.

Pode-se considerar que o surgimento se dá praticamente como uma mescla de todas as línguas utilizadas pelos povos existentes em nosso continente. Martins (2014) nos explica que no contato com os colonizadores, os habitantes nativos e a população negra

e seus descendentes desenvolveram interlínguas, processo que denominam transmissão linguística irregular. Assim, observa-se que os conceitos de “língua correta e língua errada” começam a ganhar forma e a serem pregadas aos falantes dessa língua.

ALGUMAS PERSPECTIVAS SOBRE VARIAÇÕES DA LÍNGUA

Considerando os estudos de Bagno (2007), vale repensar os conceitos sobre variação da língua, pois anteriormente pensava-se ou foram-se levados a pensar que, tinha-se que falar de modo correto, seguir um dialeto padrão que as gramáticas normativas nos impunham e que o modo de um agricultor “analfabeto”, que viveu toda a sua vida no campo falar a palavra “milho/ mio” era errado.

Mas, graças aos trabalhos desses estudiosos pode-se ter uma nova perspectiva nessas mudanças ou variações em nossa língua, pois ainda segundo o autor citado anteriormente, a variação não é exclusiva dos falantes não escolarizados, tudo o que se fala pode ser considerado. Assim, o modo do agricultor “analfabeto” falar, não é errado ou incorreto, ele é carregado de sua cultura e história, portanto, é “certo/ aceito” em nossa fala e nossa forma de língua.

Bom lembrar, ainda, que, variação não significa erro, ou seja, é claro que a forma de um professor falar, se expressar é totalmente diferente do que a de um morador de rua, isso é visivelmente óbvio, mas isso não significa que o morador de rua esteja falando errado, como dito anteriormente a língua varia de acordo com o meio, pois, os meios dos quais o professor e o morador de rua vivem são completamente diferentes e ambos falam, agem e interagem de acordo com este, Bronckart argumenta que o nosso modo de fala:

Decorre da abordagem desenvolvida que a linguagem humana se apresenta, inicialmente, como uma produção interativa associada às atividades sociais, sendo ela o instrumento pelo qual os interactantes, intencionalmente, emitem pretensões à validade relativas às propriedades do meio em que essa atividade se desenvolve. A linguagem é, portanto, primariamente, uma característica da atividade social humana, cuja função maior é de ordem comunicativa ou pragmática (BRONCKART, 2003, p. 34).

Complementando essas abordagens e, sabendo-se que a língua é um fenômeno que se veicula no seio social, e também é histórico e ideológico pertencente a uma determinada comunidade. Geraldi afirma que:

[...] a língua, enquanto produto desse trabalho social, enquanto fenômeno sociológico e histórico, está sempre sendo retomada pela comunidade de falantes. E ao retomar, retoma aquilo que está estabilizado e que se desestabiliza na concretude do discurso, nos processos interativos de uso dessa língua (GERALDI, 2005, p. 78).

E com essas considerações, esse autor retoma a ideia de que a língua sempre muda, nunca se encontra estabilizada em uma só forma, ela sempre está sujeita a variações. Mas, apesar dessas afirmações utilizadas de que a linguagem é uma característica social, mutacional, ainda há um preconceito com relação a essas variações, considerando-as

meros erros ou formas erradas da língua, isso decorre daquelas pessoas que acham que dominam uma forma culta ou correta da língua, acham que sabem mais que as outras, é a partir dessas pessoas que, embora sejam uma minoria na nossa atual sociedade, que se traduzem os conceitos de que só o uso formal de língua é correto, de que só elas são capazes de dominar a língua. Para dar mais ênfase e contrapondo esses conceitos supracitados novamente Geraldi dialoga que:

[...] uma coisa é saber a língua, isto é, dominar as habilidades de uso da língua em situações concretas de interação, entendendo e produzindo enunciados adequados aos diversos contextos, percebendo as dificuldades entre uma forma de expressão e outra. Outra coisa é saber analisar a língua, dominando conceitos e metalinguagens a partir dos quais se fala sobre a língua, se apresentam suas características estruturais e de uso (GERALDI, 2002, p. 89).

Apesar das variações adquiridas pela língua e de muitos estudos tentarem derrubar as regras aplicadas pela norma culta da língua, não podemos nos desvincular dela, pois a sociedade está dividida culturalmente e economicamente em vários círculos e todos dependem da formalidade apresentadas por essa forma de língua para ser utilizada nos processos formais ao qual a sociedade está sujeita como apresenta Faraco:

A expressão norma culta deve ser entendida como designando a norma linguística praticada, em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau de formalidade), por aqueles grupos sociais mais diretamente relacionados com a cultura escrita, em especial por aquela legitimada historicamente pelos grupos que controlam o poder social (FARACO, 2002, p. 40).

E para complementar podemos considerar as concepções de Geraldi (2006), que segundo o mesmo...

A língua, enquanto produto desta história e enquanto condição de produção da história presente vem marcada pelos seus usos e pelos espaços sociais destes usos. Neste sentido a língua nunca pode ser estudada ou ensinada como produto acabado, pronto, fechado em si mesmo [...] (GERALDI, 2006, p.28).

Geraldi ainda apresenta que: “o processo de construção da linguagem permite a construção do pensamento” (apud XAVIER, 2005, p.79). Se a língua fosse vista como fixa e pronta, um fenômeno acabado seria morta, pois ela está num processo contínuo de construção e reconstrução.

UM POUCO SOBRE A OBRA

O filme “Tapete Vermelho” relata a vida de Quinzinho e sua família que moram em um pequeno sítio no interior de São Paulo, em uma verdadeira jornada entre cidades do interior paulista, onde o protagonista representado pelo ator (Matheus Nachtergaele) tem uma promessa a ser cumprida, essa, feita a seu pai, um pouco antes de sua morte, resume-se em levar seu filho, Neco interpretado pelo ator mirim Vinícius Miranda, à cidade para assistir a um filme do Mazzaropi. Enfrentando essa jornada, ele também leva sua

esposa Zulmira interpretada pela atriz Gorete Milagres, que parte contra a sua vontade, e o burro Policarpo.

Vale lembrar que durante a viagem feita à pé pelo protagonista, eles encontram peculiaridades regionais e passam por situações mágicas, relacionadas a credence popular, além de apresentar um vasto acervo linguístico em relação as variações da língua empregadas nesta obra, se tratando assim, como um excelente objeto de nosso estudo.

Antes de partirmos para a nossa análise, se faz necessário que se explique como a mesma será apresentada. Esta apresentará apenas parte das variações presentes em nosso objeto de estudo, e isso se dá pelo fato de se tratar de uma obra extensa e apresentar uma vasta riqueza de detalhes, por isso não nos fixaremos em retratar cena por cena, e sim apresentaremos um resumo em pequenos trechos que exemplifiquem e/ou explique as abordagens utilizadas no estudo a ser apresentado.

ANÁLISE DOS DADOS

Ao iniciar a apresentação da obra, pode-se logo perceber algumas variações da língua empregadas no modo de fala do protagonista (Quinzinho) quando o mesmo está capinando o mato em sua lavoura cantando, a letra da música cantada por quinzinho apresenta sua letra da seguinte forma:

“A dor da saudade, quem é que não tem, olhando o passado quem é que não sente saudade de alguém...”

Já ela sendo cantada por quinzinho varia algumas formas e são apresentadas da seguinte maneira:

“A dorr da sardade, quem é qui não tenhê, oiando o passado quem é qui não sente sardade de arguém...”

Pode-se notar que essas variações são típicas da região de onde os mesmos são habitantes, que em palavras terminadas em “r” duplicam o som da letra no final da palavra. Como alguns estudiosos da língua explica que é no modo de fala da pessoa que sabemos de onde as mesmas são originárias, ou seja, pelo modo de uma pessoa falar descobrimos de onde ela vem se é do interior se é da cidade, se são escolarizados ou não.

Esse é o caso de Quinzinho que, a partir do modo como ele fala, conseguimos descobrir de qual estado ou cidade ele é pertencente e o nível de escolaridade do mesmo. Essa variação utilizada pelo personagem ao duplicar o som final das palavras terminadas em “r” não é apenas típica dos moradores do campo e sim dos paulistas, desse modo, mesmo que não fosse apresentado de onde esses personagens são advindos, poderíamos facilmente perceber que esses personagens são moradores do interior do estado de São Paulo, e, por isso, eles têm em seu modo de fala uma marca típica de sua região.

Além de em algumas palavras o personagem substituir o som de uma consoante

por outra, no caso, o som de “l” por “r” (a essa troca Bagno denomina de “rotacismo”) que é próprio da utilização vocabular de pessoas da zona rural que tem pouca ou nenhuma escolaridade, ou seja, essas variações estão associadas aos fatores sociais, fatores econômicos, sexo e religião. E é a partir desses traços fonéticos que percebemos que esses aspectos estão presentes na linguagem das pessoas e o processo comunicativo é passível de variação. Para melhor explicar vejamos o que Bagno (2007) descreve em seus estudos:

Rotacismo: troca de L por R em encontros consonantais ou em final de sílaba: *placa > praca; planta > pranta; talco > tarco; futebol > futebor* e etc. O rotacismo nos encontros consonantais ocorreu na formação do português, [...] inúmeras palavras que hoje tem um R no encontro consonantal tinham um L na palavra de origem. hoje o rotacismo em encontros consonantais é característico das variedades estigmatizadas de todo o Brasil. Já o rotacismo em final de sílaba é característico de algumas regiões onde se fala o chamado “dialeto caipira” (interior de São Paulo, Minas Gerais e etc.) menos frequente (e mais regionalizado) é o fenômeno inverso, chamado lambdacismo, troca de R por L: *cerveja > celveja; terça > telça* e etc. (BAGNO 2007, p.144).

E ainda, pode-se perceber no processo de comunicação dos personagens alguns outros processos de variações que confirmam as concepções citadas anteriormente, em relação a pronuncia de algumas palavras os personagens substituem/trocam o som de algumas vogais, é o exemplo de palavras com escritas com a vogal “e” mas que é substituída por “i”, além da supressão em algumas palavras do “lh” e substituído por vogais, da junção de duas palavras para formar apenas uma, por exemplo: (a junção das expressões “com” e “esse” para formar “coesse” e etc), e ainda, da presença de vícios de fala como forma de conjunção para substituir outras, como por exemplo: (a forma “cá” para substituir “aqui”, além de suprimir algumas vogais das palavras). Essas formas são consideradas vícios pelo fato do sujeito mesmo sem perceber, ele utiliza essas expressões para tornar a frase mais curta, tornando assim uma pronuncia mais rápida, e ainda podemos perceber também a retirada do “r” no final de algumas expressões verbais (na palavra “quer”, retira-se o “r” e tonifica o som da vogal “e”). Todos esses processos de variações serão apresentados no seguinte recorte da fala de Zulmira e Quinzinho.

“ô Necoo!!! Vem cá minino!!!

“(..) qui disispero é esse muié? Que qui tú qué coesse minino?”

“(..)eu adisconfio do qui se trata o seu pobrema, mais vai ser prciso eu durmi qui cocês, mais a sinhora vai ter de avisar seu marido prumode ele não sustar cuieu.”

Utiliza-se também no modo de fala dos personagens expressões do tipo (fiquemo, fumo, tamo, nós quer, nós vai) expressões essas que são desconsideradas/abolidas de acordo com a gramática normativa, consideradas de uso errôneo.

“ô mãe, já que tamo, qui fiquemo”

“(..) nóis vai pas banda da cidade mais proxima...”

(...) nóis quer saber adonde que fica um cinema?"

Como a variação está presente em toda a completude social dos sujeitos ela está presente não só no modo de fala, mas em todo o ser. E, como a tipicidade dos moradores do campo é serem sempre gentis com os demais sujeitos que os cercam, o modo como os mesmos cumprimentam uns aos outros ao dar (bom dia, boa tarde, boa noite) por exemplo, consiste na utilização apenas do final da frase, vejamos:

(...) dia cumpade quinzinho!!! - Dia!!

(...) tarde cumade, como ta seu fio?

(...) noite!!Será que ocê poderia me inforrmar uma coisa? Aqui tem cinema?

No decorrer de nosso estudo, podemos perceber o preconceito/discriminação sofrida pelos protagonistas por parte dos moradores das cidades por onde os mesmos passavam, isso se deu pelo fato dos personagens falarem, agirem e se vestirem diferente dos demais, pondo em vista a tipicidade do lugar de onde eles são originários, a simplicidade da vida dos personagens estava estampada na essência dos próprios e por isso eles eram taxados como “jeca do mato”. E esse mesmo preconceito por eles sofrido também era praticado pelos mesmos e isso fica visível quando os mesmos zombam do modo como o dono da loja a quem eles vão pedir informação fala, esse se mostra diferente pelo fato deste ser turco e a sua forma de falar é distinta a dos demais, neste modo também está presente o processo de variação.

(...) dia!!! O senhor sabe adonde fica o cinema por aqui?

- a cinema? Não tem.

Mas espera, tem uma pessoal que se encontra toda noite na barzinha da esquina que pode dizer onde tem a cinema, mas a filma de Mazzaropi eu acha que não vai ser fácil de encontrar.

(...) obrigada a senhor!!! Acha que eu vai acha a cinema (zomba Quinzinho)

Essas variações podem não corresponderem às normas exigidas pelas gramáticas normativas, mas não são erradas, pois são pertencentes ao modo de falar de pessoas que não tem o conhecimento dessas gramáticas, mas que possuem conhecimento histórico e são pertencentes de um círculo social que utilizam essas variações em seu cotidiano e que por tanto são certas/corretas de acordo com o meio a que eles pertencem.

Nota-se no decorrer de nossas análises o quão dominantes são os modos de fala desses sujeitos, os mesmos apesar do preconceito e discriminação sofrido por eles, não apresentam dificuldades de comunicarem entre si, o que explica a afirmação de que enquanto há locutor e interlocutor e os mesmos compreendem entre si a mensagem que quer ser repassada não há erro na língua a ser considerado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Sociolinguística é a área da Linguística que tem como objeto de estudo a variação e a mudança linguística. Diante disso e com base nos fatos analisados, concluímos que as variações linguísticas presentes no filme “Tapete Vermelho” mostra um acervo linguístico amplo e rico, já que o mesmo mostra através do falante uma cultura que apesar dos preconceitos enfrentados é repassada de geração a geração e não se abala com as novas mudanças linguísticas que vem surgindo ao longo do tempo.

Sabemos que as variações linguísticas diversificam de acordo com a idade, classe social, gênero entre outros, com base nisso também é notório a preocupação dos falantes com esse avanço e essas mudanças em torno da língua, pois, no caso dos protagonistas do filme, por serem de um nível social discriminado e possuírem uma linguagem que não é modelo para os demais, sentem-se excluídos da sociedade.

Com base nessas discussões e tendo como objeto de estudo o filme, percebemos que o longa-metragem faz uma reflexão ao que é aceito ou não pela sociedade pelo lado linguístico analisado e mostra as dificuldades por esse grupo social enfrentadas no cotidiano.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística / *Marcos Bagno*. - São Paulo: Parábola Editorial, 2007. (Educação linguística; 1).

BRONCKART, J-P. **Atividade de Linguagem, Textos e Discursos:** por um interacionismo sócio-discursivo. Tradução Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003.

FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos (org.). **A linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 37-61.

GERALDI, J. W. In: XAVIER, A. C.; CORTEZ, S. (Orgs.). **Conversas com Linguistas:** virtudes e controvérsias da linguística. 2 impr. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. Paulo: EDUC, 2003.

GERALDI, J. V., (org.). **O texto na sala de aula**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação:** uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

XAVIER, Antonio Carlos; CORTEZ, Suzana. **Conversas com Linguistas**. Rio de Janeiro, Parábola Editorial, 2005.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise do Comportamento 180, 187

Anos Iniciais 167, 168, 178, 203

Aprendizagem 1, 2, 3, 4, 5, 6, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 21, 22, 25, 27, 34, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 60, 66, 69, 71, 73, 75, 78, 82, 85, 90, 98, 99, 100, 117, 122, 123, 124, 125, 128, 130, 131, 136, 138, 140, 141, 145, 146, 148, 150, 156, 157, 158, 159, 160, 167, 168, 169, 170, 172, 175, 176, 177, 178, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 191, 193, 195, 201, 203

Autoria 32, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 171

B

BNCC 18, 108, 110, 112, 114, 116, 117, 119, 121, 142, 143, 197, 198, 202, 203, 204

C

Cartográfica escolar 116

Ciências Humanas 116, 117, 118, 119, 192

Colorir 180, 181, 182, 185, 186

Conselhos Escolares 197, 199, 200, 202, 204

Contextualização 2, 31, 52, 116

Conto 24, 25, 26, 31, 32, 33, 34

Criança 7, 8, 9, 11, 12, 13, 47, 50, 52, 53, 55, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 109, 114, 119, 133, 134, 135, 136, 137, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 157, 162, 163, 164, 165, 169, 170, 171, 180, 182, 183, 184

Cultura 1, 2, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 20, 21, 27, 29, 38, 39, 40, 44, 47, 69, 70, 72, 73, 76, 77, 80, 83, 84, 86, 88, 89, 90, 92, 100, 122, 123, 124, 125, 129, 131, 132, 148, 149, 151, 154, 155, 158, 159, 161, 170, 171, 182, 192, 202, 204, 205

Currículo 10, 19, 20, 23, 25, 27, 30, 90, 91, 129, 131, 141, 153, 155, 197, 204

D

Desenho Infantil 133, 137

Docência 17, 18, 20, 22, 23, 205

E

Educação 2, 10, 7, 10, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 27, 28, 36, 38, 44, 45, 47, 55, 56, 67, 69, 70, 71, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 111, 112, 115, 117, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 131, 132, 133, 134, 135,

136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 145, 146, 147, 149, 150, 152, 153, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 171, 172, 176, 178, 179, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205

Educação de Jovens e Adultos 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196

Educação Escolar Indígena 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 91, 92

Educação Infantil 17, 18, 23, 45, 47, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 112, 115, 117, 133, 134, 137, 138, 139, 141, 147, 160, 162, 202, 203

Educação Musical 139, 146, 147, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196

Ensino e pesquisa 24

Ensino Fundamental 1, 2, 10, 14, 15, 16, 57, 58, 61, 67, 94, 96, 116, 117, 118, 167, 168, 173, 178, 192, 193

Escola São João do Tauape 94, 95, 96

Escrita 29, 30, 37, 40, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 58, 59, 60, 61, 64, 65, 66, 135, 150, 153

Etnogeografia 78, 91

F

Formação 3, 12, 13, 17, 18, 20, 22, 23, 26, 28, 30, 31, 34, 38, 42, 45, 50, 55, 56, 59, 60, 67, 73, 76, 80, 90, 91, 96, 100, 103, 107, 117, 124, 125, 128, 131, 132, 139, 140, 157, 164, 169, 170, 191, 193, 194, 199, 200, 202, 204, 205

formação de leitor 50

Formação de Leitor 45

G

Grêmios Estudantis 122, 123, 127, 129

I

Identidade 24, 29, 30, 69, 72, 73, 76, 78, 88, 90, 91, 92, 110, 147, 163, 169, 172

Igreja Católica 52, 94, 95

Indisciplina 51, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 158, 159

Infância 3, 46, 47, 77, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 107, 147, 151, 153, 164, 165, 170

Interculturalidade 78, 82, 83, 148

Interdisciplinaridade 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 69, 70, 72, 73, 77

J

Jovens 29, 69, 72, 73, 74, 76, 91, 124, 129, 136, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196

L

Leitura 21, 24, 25, 26, 29, 30, 32, 33, 34, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 66, 67, 78, 100, 104, 129, 130, 138, 144, 153, 191

Ludicidade 148, 205

M

Meio Ambiente 19, 106, 107, 109, 111, 114, 116, 134, 176

Miriti 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16

Montessori 139, 140, 143, 144, 147

Multiletramentos 57, 59, 61, 67

Música 32, 41, 72, 75, 86, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 155, 158, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194

Música na EJA 188, 190, 193

P

Políticas educacionais 86, 197, 201

Práticas de linguagem 57

Práticas Pedagógicas 1, 11, 12, 13, 14, 20, 27, 81, 82, 126, 148, 165, 197, 204

Projeto Político-Pedagógico 197, 199, 200

R

Reciclagem 106, 107, 109, 110

Relacionamentos interpessoais 167, 168, 170

Responsividade 57, 58, 59, 60, 61, 63, 65, 66, 67

S

Sequência 71, 83, 143, 180, 181, 183, 184, 185, 186

Sistema educacional Chinês 148, 161

T

Tapete vermelho 36, 37

Tapete Vermelho 36, 37, 40, 44

Texto literário 24, 25

Tribos Urbanas 69, 71, 72, 73, 74, 75, 76

U

Universo Imaginário 133, 135, 137

V

Variação linguística 36, 44, 75

W

Web rádio 122, 124, 126, 127, 128, 129

EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

8

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora

Ano 2020

EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

8

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora

Ano 2020